

# Da necessidade de fazer balanços: viajando ao longo do século XX, na Europa, com Geert Mak<sup>1</sup>

Maria de Fátima Outeirinho\*

Universidade do Porto/ ILC

**Resumo:** Às portas de um novo milénio, Geert Mak, jornalista que foi distinguido, em 2008, com o Prémio do Livro de Leipzig para a Compreensão Europeia e, em 2021, com a Medalha Carlos Magno para os Média Europeus, decide fazer um périplo de um ano pela Europa que resultará na publicação, em 2004, de *In Europa. Reizen door de Twintigste Eeuw*. Tratava-se com essa viagem europeia de responder à questão: qual a situação da Europa no fim do século XX? Uma narrativa, em torno de uma viagem na geografia física europeia, mas também uma viagem nos sinais sobre um devir europeu identificados no espaço percorrido, será ocasião de balanços que permitirão ao viajante pensar a Europa. A presente intervenção procurará atentar nas linhas de reflexão nesta obra traçadas.

**Palavras-chave:** Literatura de Viagens, Geert Mak, Europa

**Abstract:** On the threshold of a new millennium, Geert Mak, a journalist who was awarded the Leipzig Book Prize for European Understanding in 2008, and, in 2008, the Carlos Magno Medal for European Media in 2008, decides to take a one-year tour of Europe that will result in the publication in 2004 of *In Europa. Reizen door de Twintigste Eeuw*. The aim of this European journey was to answer the question: what was the situation in Europe at the end of the twentieth century? A narrative, based on a journey through the physical geography of Europe, but also a journey on the signs of a European future identified in the space travelled, will be an opportunity for balances that will allow the traveller to think about Europe. This intervention will seek to pay attention to the lines of reflection outlined in this work.

**Keywords:** Travel Literature, Geert Mak, Europe

É relativamente comum encontrarmos livros de viagem (Borm 2004) que se apresentam enquanto narrativas de deslocação nos passos de outros viajantes. A obra da qual me ocupo neste breve estudo, dá conta também ela de uma viagem, mas nos passos da História europeia. E não, não estou a usar a viagem como metáfora, mas refiro-me a uma viagem programada, acontecida, de que se faz o relato, através de um narrador-viajante que partilha com o leitor o seu périplo em espaço europeu, para viajar e permitir viajar na história da Europa do século XX, a todo o momento ocultando-se e dando lugar a vozes outras, testemunhas-narradores de acontecimentos vários como o autor lhes chama (Mak 2010:16), construindo afinal um texto polifónico ainda assente numa escrita pessoal, de primeira pessoa como tantas vezes sucede nos livros de viagens, mas agora livro de protagonismo partilhado. Contudo, e desvele-se isso já à partida, essa pessoalidade do narrado, visa neste caso a possibilidade de melhor nos acercarmos de um objeto de atenção complexo, um imenso objeto de análise que, quer num plano temporal, quer num plano espacial integra múltiplos pontos de vista, múltiplas formas de abordagem, sendo, portanto, de difícil delimitação. Na verdade, como responder de modo imediato do que falamos quando falamos de Europa e da história da Europa? Geert Mak recorre então a narrativas de vida inscritas em textos diarísticos, em textos de memórias ou lançando mão de um instrumento de investigação, um conjunto de entrevistas, que permitirá, pois, explorar uma história oral.

A tentativa de Geert Mak ocupa cerca de 1000 páginas apenas para se debruçar sobre o século passado num quadro europeu. Assim, em 2004, Geert Mak publica na Holanda a obra *In Europa. Reizen door de Twintigste Eeuw*. Muito rapidamente, a obra conhece a tradução em diferentes línguas, facto que tem permitido uma alargada circulação deste texto dentro e fora da Europa. No caso vertente, o meu contacto com o texto de Geert Mak deu-se através da tradução em francês cujo título pode, desde logo, ser percebido como um resultado interpretativo da obra. Com efeito, o tradutor Bertrand Abraham opta por colocar, de algum modo, o foco no viajante, apontando para a sua inscrição europeia, deslocando a atenção do espaço para a figura em deslocação: de *In Europa* passa-se para *Voyage d'un Européen*, vindo depois, como no texto de partida, a marcação da baliza cronológica, à *travers le XXe siècle*. Tal escolha aproxima a obra, em termos de um sinal dado ao leitor, de um livro de viagem, mas atenua aquilo que é a viagem no século posta em destaque no título de partida.

Por ocasião de uma conversa com o historiador Ferenc Laczó, na sequência da publicação de uma continuação de *In Europa*, com o livro *Grote verwachtingen. In Europa 1999 - 2019*, na versão inglesa *The Dream of Europe. Travels in the Twenty-First Century*, Mak afirmará quando questionado sobre se o objetivo na realização destas duas obras se prende com tentativas para gerar um debate e compreensão europeus:

I never wrote *In Europe* to bring people together, but it has indeed helped the European discussion. I wrote it because I wanted to know how things went in European history and how people involved felt about it, and I thought a lot of readers would be interested in those matters to.<sup>2</sup> (Mak 2021)

Nessa mesma conversa, Geert Mak, autor holandês nascido em 1946, apresenta-se do seguinte modo, dando conta do lugar a partir do qual escreve:

I'm indeed a Baby Boomer, I'm a white man, and I'm living in the west of Europe. Those features have partly formed my perspective. On the other hand, I'm a journalist and an experienced one - and sometimes I think I am a good one too. When you are a journalist, you're trained to look around, to listen, to pick up signals of what people are feeling and to ask questions and be open. To read, to talk with people, to be surprised and then to try to explain that surprise really helps a lot. (*ibidem*)

A consciência do seu lugar de fala que nesta curta apresentação se revela, encontra-se depois plasmada num conjunto de obras publicadas, de quadro europeu, ou no reconhecimento de uma atenção que Geert Mak tem votado a este mesmo quadro e que se tem vindo a traduzir na atribuição de um conjunto de distinções.

Geert Mak que se apresenta também, nomeadamente no seu site, como jornalista e historiador, tem formação em direito e em sociologia e teve uma experiência de ensino na Universidade de Utrech na área do direito constitucional e da imigração. Foi ainda, de 1975 a 1985, editor colaborador do semanário *De Groene Amsterdammer*, especializado em questões urbanas e de imigração.

Em 2007, dinamizou uma série de três fóruns sobre o futuro da Europa, no Palácio Noordeinde, em Haia, nos quais participaram figuras ligadas ao domínio da História e da História europeia e da diplomacia em espaço europeu, como Krystof Pomian, Robert Cooper e Bronislaw Geremek. Dessas iniciativas resultou um relatório intitulado Paleis Europa (Palácio Europa).

Foi distinguido, em 2008, com o *Leipziger Buchpreis zur Europäischen Verständigung* (Prémio do Livro de Leipzig para a Compreensão Europeia) e, em 2009, com o *Otto von der Gablentz Prize*, prémio holandês atribuído a uma personalidade ou organização que tenha contribuído para a promoção de boas relações entre os países Baixos e a Alemanha ou a Europa unida. Mais recentemente, em 2021, recebeu a Medalha Carlos Magno para os Média Europeus da cidade de Aachen, medalha atribuída a quem se distingue de forma notável no que toca a processos de unificação europeia e à formação de uma identidade europeia.

*In Europa* é, então, o resultado de um périplo europeu de Geert Mak, ao longo de 1999. Trata-se, como apontado no título, de uma obra cujo objeto de atenção é a Europa e os europeus. Nesse fim de milénio, Mak cruza a Europa e vai produzindo um

conjunto de relatos que serão publicados no jornal diário holandês *NRC Handelsblad*. No site de Mak pode ler-se:

It was to become the account of both a journey across the continent and through time: day after day, readers were able to follow the story of European history in the 20th century, embellished with countless local observations and interviews with eyewitnesses.<sup>3</sup>

Viagem maioritariamente feita de comboio, os itinerários seguidos encontram-se indicados numa cartografia que vai conhecendo uma constante atualização, resultante das reconfigurações de fronteiras, resultante ainda das reconfigurações geopolíticas.

Na sua publicação em livro, a obra apresenta-se estruturada temporalmente na simultaneidade de um duplo movimento: por um lado, o do tempo da viagem, período temporal da deslocação física que se estende por um ano, resultando numa divisão em 12 capítulos que tomam como intitulados os meses do ano; por outro lado, o movimento na progressão do século XX. Contudo, se na inscrição do primeiro movimento a linearidade do tempo do relógio tem lugar, já no que toca ao segundo movimento, o da progressão no século que procura integrar o tempo da História, outros critérios de mensurabilidade e análise temporal emergem, assistindo-se então a desacelerações que apontarão para a necessidade de dar conta de diversas camadas no modo como se vê a Europa a partir de diferentes inscrições nacionais e / ou culturais e, por esse motivo, cada capítulo alberga diferentes espaços percorridos. Lembra, por exemplo, Geert Mak:

Mettez donc des Russes, des Allemands, des Anglais, des Tchèques et des Espagnols autour de la même table, et faites-leur raconter l'histoire de leur famille. Chacune est un monde en soi. Et, pourtant, tout cela est l'Europe. (2010: 16)

A necessidade de introduzir conceitos de intensidade e impacto na vivência de certas ocorrências históricas poderão também lançar luz para as opções tomadas. Procurando uma maior clareza, atente-se na estrutura da obra, em síntese na seguinte tabela:

Prólogo	
Janeiro	1900-1914
Fevereiro	1914-1918
Março	1917-1924
Abril	1918-1934

Maio	1922-1939
Junho	1939-1941
Julho	1940-1942
Agosto	1942-1944
Setembro	1944-1956
Outubro	1956-1980
Novembro	1980-1989
Dezembro	1989-1999
Epílogo	

Deste modo, pensar a História e pensar a Europa não é atentar apenas num tempo do calendário, mas implica movimentos de vaivém no tempo e momentos em que é preciso que nos atardemos em alguns segmentos temporais. Assim, por exemplo, depois de um capítulo em torno do período 14-18, no capítulo seguinte volta-se a 1917 para se chegar a 1924, pois importa falar da Revolução Russa. E no momento subsequente, regressa-se a 1918 para depois ir até 1934. Já os meses de junho e julho serão votados apenas a quatro anos. Como observava o autor no prólogo da obra,

L'Europe - je l'avais senti au cours de cette année-là - est un continent où les allers-retours dans le temps sont chose aisée. Il y a toujours un endroit où n'importe quelle époque du XXe siècle peut être vécue ou revécue. Sur les bacs d'Istanbul, on est toujours en 1948. À Lisbonne, on est à 1956. Gare de Lyon à Paris, on est en 2020. À Budapest, les hommes jeunes ont le visage de nos pères. (Mak 2010: 14)

O trabalho com o tempo e a consequente organização interna da obra estão também intimamente ligados a duas questões formuladas neste mesmo prólogo. A primeira é: “où en était le continent en cette fin de siècle?” (*idem*: 13) E a segunda, “Avons-nous, Européens que nous sommes, une histoire commune?” (*idem*: 15) Questões de resposta complexa, pois, as que aqui se colocam, para as quais as 1000 páginas usadas poderão não ser suficientes.

Com esta viagem, périplo e peregrinação (*idem*: 13; 15), termos escolhidos pelo próprio autor, isto é, viagem em torno de e viagem de romagem a, procura-se então fazer o ponto da situação da Europa em fim de milénio. À partida, trata-se de “expérimenter ce que recouvrait cette brumeuse idée d'Europe” (*idem*: 14) e, à chegada, de experimentar o “effet de décapage de vieilles couches de peinture.” (*idem*: 15)

Evidentemente, que tal trabalho com o transcurso do tempo está também ele condicionado pela viagem deste narrador-viajante, na base destas narrativas que aqui se erguem. Com efeito, na construção da narrativa um outro vaivém temporal vai

ter lugar: do presente da viagem para o passado da memória que se quer evocar no espaço experimentado ou que esse mesmo espaço convoca.

Neste trabalho com o tempo e com a memória, importa a este viajante na história também alertar para um progressivo apagamento do passado. Quando por exemplo se atarda na guerra de 14-18, e nos vestígios cada vez mais ignorados, observa o narrador:

Dans le grand ossuaire de Verdun, les messes quotidiennes ont fait place, depuis peu, à une cérémonie mensuelle. Au sud de la Somme, on projette de construire un immense aéroport sur l'emplacement de deux cimetières de guerre. Tout cela est de mauvais augure. On privilégie de plus en plus le spectaculaire, au détriment du souvenir. (Mak 2010: 125)

Livro concebido como uma narrativa de viagem através do tempo e do continente (*idem*: 967), *In Europe* permite resgatar a memória, mas permite também identificar desafios que à Europa se colocam na viragem do século e que no prólogo surgem, de algum modo, elencados: os movimentos migratórios, com a consequente recomposição social e as fragilidades na integração de novas populações; o mal-estar crescente no que toca a uma comunidade muçulmana europeia; o esgotamento de um projeto de Europa unida; o progressivo esquecimento de um objetivo central, o da organização da paz; a emergência de novas formas de nacionalismo. Nesta etapa de fechamento da obra, Mak lembra, por exemplo, que em Portugal, Salazar foi escolhido como o maior português de todos os tempos<sup>4</sup> (2010: 959). Geert Mak constata ainda que “Il n’y a pas de peuple européen” (*idem*: 960), perguntando aos leitores se já ouviram os europeus gritarem “WE THE PEOPLE” (*idem*: 962). E sublinha igualmente:

J’ai souvent le sentiment que, en dépit de tout ce qui constitue notre héritage commun et de tous les contacts que nous avons aujourd’hui, l’unité culturelle de l’Europe était beaucoup plus grande au printemps de 1914 qu’elle ne l’est à présent, presque cent ans plus tard. (*idem*: 962)

Numa obra que não deixa de ser uma narrativa de viagem de facto acontecida, uma narrativa que se faz acompanhar da identificação de itinerários - nomeadamente em mapas que antecedem as diversas partes da obra -, dando conta de um olhar que se pousa na paisagem, com um narrador viajante que vai lançando mão de guias de viagem como, por exemplo, um Baedeker, mas de 1896 (Mak, 2010: 32) ou do Berlin für Kenner de 1900, tal como viajantes de outros tempos o faziam, importa agora uma revisitação interpeladora de um transcurso histórico para pensar o presente e o futuro.

Livro de viagem ou exercício de cidadania cosmopolita? Certo é que Geert Mak experimenta a necessidade de pensar a Europa como de resto sucede pela mesma

época com Patrik Ouredník. O escritor checo exilado em França desde 1984, também ele optará por um regresso à história do século XX na sua obra de não-ficção intitulada *Europeana* não através de uma viagem no espaço físico, mas numa revisão da história que acolhe narrativas com diferentes perspetivas, diferentes vozes, oferecendo versões várias da história acontecida, numa abordagem só aparentemente simples. Também em Ouredník, se pensa a Europa, identificando questões que se colocarão ao longo do século e que não foram resolvidas (o desejo de um mundo mais humano, a decadência da Europa, as questões memoriais, os problemas de discriminação no espaço social, a identidade europeia, entre outras), uma Europa mais ou menos agónica que pede a sua reinvenção (Outeirinho 2021: 44).

Curiosamente, em entrevista por ocasião da sua exposição *Oracle*, em 2022, o fotógrafo Paulo Nozolino fala das suas deslocações a certos espaços para os fotografar e diz: “Não sei se conseguirei dar respostas para o que se está a passar, mas sei que é no passado que podemos encontrar essa inspiração”. E diz ainda: “Temos que tentar perceber o que é que subsiste, se podemos fazer qualquer coisa com isso e se isso nos pode ajudar”. Vai-se a esses locais “Para captar algo que está ali há muito tempo, há séculos; tentar apanhar a vibração, para, de alguma maneira, recarregar uma espécie de baterias que nos façam ver alguma coisa, que nos despertem.” (Nozolino 2022: 5)

De algum modo, parece-me ser esta *démarche* que podemos encontrar em *In Europa, reizen door de twintigste eeuw*: Geert Mak, o seu autor, viaja por diferentes espaços europeus, num confronto com um passado para fazer balanços. Porém, “L’Europe ne peut tenir tout entière dans un seul livre.” (Mak 2010: 967), mesmo se ele tem cerca de 1000 páginas! E, por esse motivo, a viagem continuará no século XXI em *Grote verwachtingen in Europa* (2019) ou na versão francesa, *Les rêves d’un Européen au XXIe siècle* (2022), neste caso, identificando mudanças, fragilidades, convulsões que porão em causa propósitos fundadores agora ameaçados:

Les États-Unis d’Amérique et, plus tard, l’Union européenne pouvaient être perçus comme de grands projets historiques. Des projets par lesquels des citoyens libres tentaient de contrôler - plutôt que de subir - le cours de l’Histoire. Des projets qui puisaient leur source dans les idéaux des Lumières, dans les droits humains, la liberté, l’égalité, la fraternité - nationale et internationale. Comment d’aussi nobles projets ont-ils pu connaître pareil démantèlement ? (Mak 2022 :16)

Circular no tempo e no espaço para considerar um devir, eis o movimento e o desígnio dos textos de Geert Mak em torno da Europa.

## Notas

\* Maria de Fátima Outeirinho é Professora Associada da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, onde lecciona nas áreas dos Estudos Franceses e da Literatura Comparada, tendo-se doutorado precisamente nesta última área de conhecimento com uma tese sobre *O Folhetim em Portugal no Século XIX: uma nova janela no mundo das letras* (2003). Entre 2019 e 2021, coordenou o grupo Inter/transculturalidades no quadro do projecto Literatura e fronteiras do conhecimento: políticas de inclusão do Instituto de Literatura Comparada Margarida Losa, unidade da qual é coordenadora científica desde 2022. É neste âmbito que desenvolve investigação, nomeadamente no domínio da Literatura de Viagens, campo também de docência. Tem como principais domínios de investigação a Literatura Comparada, Literatura e Cultura Francesas (Séculos XVIII e XIX), Relações Literárias e Culturais Portugal-França, Estudos sobre as Mulheres, Literatura de Viagens. É autora e organizadora de diversos estudos críticos nestes domínios.

<sup>1</sup> Este artigo foi escrito no âmbito da investigação desenvolvida no Instituto de Literatura Comparada, Unidade I&D financiada por fundos nacionais através da FCT - Fundação para a Ciência e para a Tecnologia (UIDB/00500/2020).

<sup>2</sup> <https://www.geertmak.nl/en/home/geert-mak-discusses-with-the-historian-ferenc-laczo/>

<sup>3</sup> <https://www.geertmak.nl/en/life/#>

<sup>4</sup> Votação promovida pela RTP em 2007, e na qual Álvaro Cunhal ficou em 2º, Aristides de Sousa Mendes em terceiro, D. Afonso Henriques e Camões respetivamente em 4º e 5º lugares.

## Bibliografia

Borm, Jan (2004), “Defining travel: on the travel book, travel writing and terminology”, in Glenn Hooper & Tim Youngs (eds.), *Perspectives on Travel Writing*. Aldershot, Ashgate: 13-26.

Geert Mak, <https://www.geertmak.nl/en/life/>.

Mak, Geert (2004), *In Europa. Reizen door de twintigste eeuw*. Amesterdam, Atlas.

-- (2010), *Voyage d'un Européen à travers le XXe siècle*. Paris, Gallimard.

-- (2019), *Grote verwachtingen in Europa*. Amesterdam, Atlas.

-- (2022), *Les rêves d'un Européen au XXIe siècle*. Paris, Gallimard.

“Paulo Nozolino”, *Ípsilon*, 16 set. 2022: 2-5.

Ouredník, Patrik (2004), *Europeana. Une brève histoire du XIXe siècle*. Trad. Marianne Canavaggio. Paris, Alia.



Outeirinho, Maria de Fátima (2021), “L’Europe et ‘l’échec de la culture’. Réflexions à partir de Romain Gary et Patrik Ouredník”, in Ana Paula Coutinho, Gonçalo Vilas-Boas, Jorge Bastos da Silva, José Domingues de Almeida & Teresa Martins de Oliveira, *Europa Literária: criação e mediação*. Porto, Instituto de Literatura Comparada. Col. Cassiopeia n. 8: 37-46.